



ENGENHARIA

"Tem de desenvolver-se um conceito estratégico da engenharia ibérica"



Em entrevista ao Construir, Bento Aires, organizador do Congresso Ibérico de Jovens Engenheiros, apontou a importância de se desenvolver a formação em engenharia nas linhas da internacionalização

PÁGS. 8-9



Internacionalização

“Profissão tem de ter dimensão internacional e global”

**Bento Aires**

engenheiro e organizador do Congresso Ibérico de Jovens Engenheiros (CIJE'14)

A segunda edição do Congresso Ibérico de Jovens Engenheiros juntou os engenheiros portugueses e espanhóis na Corunha para debaterem os principais desafios com que os representantes mais jovens da classe se deparam actualmente. Em entrevista ao Construir, Bento Aires, organizador do evento, fez um balanço do congresso e abordou as soluções para o futuro próximo

Pedro Cristino

pcristino@construir.pt

Bento Aires, engenheiro e organizador do Congresso Ibérico de Jovens Engenheiros (CIJE'14) explicou ao Construir como se desenvolvem as relações institucionais entre a Ordem dos Engenheiros e a sua homóloga espanhola, o Colegio de Caminos, Canales y Puertos.

Que balanço faz do CIJE'14?

O balanço é positivo. O CIJE teve um modelo diferente, apesar de os temas serem idênticos aos de 2012, mas acabou por ser um modelo que funcionou bem, apesar de ter sido uma organização comum. Não podemos deixar de perceber que a organização e o modelo do congresso têm de se assemelhar mais ao perfil do público alvo. Este é um projecto multicultural e é assim que as coisas devem funcionar. O que se notou como principal diferença entre o CIJE de 2012 e o de 2014 foi o aumento da união entre engenharia portuguesa e espanhola, no sentido do reforço de um conceito de engenharia ibérica, e também da partilha dos problemas e das soluções que ambos os países têm de encontrar para a evolução da engenharia e também da própria sociedade. Não podemos esquecer que, do lado espanhol, o CIJE tem uma plataforma de apoio bastante mais alargada do que aquele que teve em 2012. Nesse ano tivemos como único interlocutor do lado espanhol o Colegio de Caminos, Canales y Puertos (CICCP)

e, desta vez, associou-se já o colégio de engenheiros industriais, da engenharia agrónómica e de telecomunicações”.

Como avalia a actual situação dos jovens engenheiros?

A situação não é fácil, sobretudo em algumas áreas da engenharia, as mais clássicas. Isto, se circunscrevermos apenas ao mercado de trabalho o mercado nacional ou ibérico. Não há dúvidas sobre a qualidade dos profissionais de engenharia e esta necessidade de mudança foi um dos principais focos do CIJE'14 – a mudança de paradigma do trabalho e da prestação de serviços de engenharia num mundo cada vez mais globalizado. Assusta-nos a fuga de profissionais para outros países mas não podemos esquecer-nos que a engenharia é uma actividade extremamente projectizada. Um projecto envolve um esforço temporário para a conclusão de um objectivo. O cenário não é animador e não é fácil, mas acho que não podemos deixar de continuar a afirmar a engenharia como uma profissão de futuro, credível e com saídas para o mercado de trabalho. Agora, poderá ser cíclico, durante um determinado período de tempo houve mais formação de profissionais de engenharia em algumas especialidades, agora a tendência será encaminhar para outras especialidades, mas isso serão as próprias circunstâncias do mercado que acabam por exigir. Acreditamos que, se o cenário não é animador a nível nacional, é animador a nível interna-



cional. A profissão de engenheiro tem de ter cada vez mais esta dimensão internacional e global.

O cenário pode ser mudado através da formação?

Está a ser mudado esse paradigma de formação dos engenheiros. É natural que os sistemas de ensino e de preparação não tenham capacidade para ver o que vai acontecer em termos laborais, mas o encadeamento está a ser feito para os profissionais poderem trabalhar em mercados cada vez mais globalizados. Têm de existir instrumentos, com os quais as universidades terão de começar a saber lidar para preparar ainda melhor os profissionais de engenharia, não só do ponto de vista técnico, mas também do ponto de vista internacional e com algumas competências que não são puramente técnicas e são imprescindíveis ao exercício da profissão.

Que valências são importantes para os engenheiros no actual contexto do mercado de traba-

Temos percorrido um caminho que é já altamente conhecido, que está em prática, e que consiste no mútuo reconhecimento dos profissionais de engenharia em ambos os países

lho internacional?

São valências de percepção e de lidar em mercados multiculturais, num contexto de preparação para a internacionalização, mas também com algumas ferramentas de complemento. Considerando que são competências já naturais o domínio de línguas estrangeiras e de percepção e da capacidade de adaptação.

O actual clima nos mercados de trabalho de Portugal e Espanha é semelhante?

Penso que é bastante semelhante e, não querendo estar a induzir em erro,

acho que em Espanha, se tivermos a comprar os níveis de desemprego, no caso dos jovens engenheiros, talvez seja mais elevado. O presidente do banco Pastor afirmou que Espanha acordou mais tarde do que Portugal para o mercado da exportação de bens e de serviços, e Portugal conseguiu antecipar essa necessidade de se mudar o modelo produtivo. Acho que isso acaba por se repercutir no mercado de trabalho porque um país que consegue antecipar as suas saídas, a mudança do modelo produtivo, terá também capacidade de gerar emprego mais facilmente. Na área da en-

genharia, Portugal poderá estar perante um cenário algo melhor, não muito, que Espanha.

Em termos de cooperação, entre os dois países, em que medida prevê que se possam desenvolver as relações transfronteiriças?

As relações têm de continuar a desenvolver-se num pilar básico que é de relacionamento institucional entre as associações representativas da engenharia espanhola – que são várias, com uma organização diferente da engenharia portuguesa – e também com a Ordem dos Engenheiros. Em que se devem materializar estas relações? Temos percorrido um caminho que é já altamente conhecido, que está em prática, e que consiste no mútuo reconhecimento dos profissionais de engenharia em ambos os países. Ultrapassado isto, tem de existir o desenvolvimento de um conceito estratégico da engenharia ibérica. Os dois países enfrentam um problema que foi a desindustrialização em determinado período e, agora, tem de ser feito o processo inverso. ■